Resenha

Las palavras viajeras (poemas).

Nubia Hanciau[1]

a porta da casa aberta/ sonho feliz/ da viajeira que regressa/ ao lar desnudo/ da ilha constante (p.25)

Como resenhar um livro de poesia que causa no resenhista constante maravilhamento, um susto após outro, um desvelamento aqui, outro na página seguinte? pergunta-se o professor Luís Augusto Fischer, exatamente o que sinto ao resenhar *As palavras viajeras* (88 páginas), coletânea de poemas de Aimée G. Bolaños, publicada na Espanha em 2010, apresentada a seguir na Universidade de Ottawa, e lançada na 38ª Feira do Livro da FURG, na praia do Cassino, Rio Grande, RS, em 2011.

Um(a) poeta ensaia várias vozes ao longo da carreira, e, ao persistir, alcança aquela que inconfundivelmente é a sua. *As palavras viajeras* interliga, pela sua temática, todas as fases da autora, desde *Pensar a narrativa* (2002) até *Poesia insular de signo infinito. Una lectura de poetas cubanas de la diáspora* (Espanha, 2008). De poema a poema, os 52 poemas compostos são divididos em quatro movimentos. O primeiro, intitulado *Memórias*, reúne notadamente reflexões e indagações a respeito da memória, seu lugar no dia a dia da poeta, a lembrança das percepções ou acontecimentos passados, fortemente influenciados pela organização em esquemas do conhecimento e espírito, cujo temperamento e caráter influenciam o processo da rememorização. Os 19 poemas que constituem essa primeira parte são precedidos por duas epígrafes, de Santa Tereza de Jesús e de Cecília Meireles, que sustentam as lembranças da autora das palavras viajantes ou "viajeiras" (ao optarmos por adotar o poético neologismo), e confirmam que grande parte de nossa memória manifesta na vida quotidiana repousa na imaginação, nutrida pela afetividade, pelo sofrimento e pelo amor. Recorrendo às descrições das poetas, autoras das epígrafes e autora da coletânea, analistas dos sentimentos através dos séculos de literatura, lê-se desta última que "o tempo mítico é muito mais duradouro e essencial do que o tempo cotidiano; este toma sentido naquele e se move em círculos concêntricos os quais, na realidade, só se somam uma e

1 Núbia Hanciau é professora titular no Programa de Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fundou e coordenou o Núcleo de Estudos Canadenses da FURG (1998-2004). Autora de vários artigos em estudos literários, traduções e livros em co-organização, Até 2010 foi Editora da revista *Interfaces Brasil/ Canadá* (www.revistabecan.com.br), hoje em sua 11ª edição. Suas publicações podem ser verificadas na plataforma Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4794495A0

outra vez às realidades que os mitos nos recordam" (p.9). Assim, se os cenários e os modos de vida mudam de acordo com as épocas, surpreendemo-nos ao constatar a que ponto os textos os mais antigos como os mais modernos – de uma carta à Yahya à câmera obscura, de que nos fala Barthes ao aproximá-la de sua *A câmera clara* (1984, p. 53), quando "algo pertubador/ entrou na cena/ e na mudez da imagem/ o espaço se transformou teatro/ – se aplicam à personalidade do homem e da mulher contemporâneos. Pois, como a fotografia é contingência pura, alguma coisa representada, ela fornece de imediato os detalhes que a poeta consegue com seus versos animar.

Todo poema responde às interrogações a respeito da memória, sem a qual ele não teria nascido. A memória tem também o papel de trazer ao presente o que permanece de nosso passado, que, sem ela, pareceria um grande vazio, afirmam Jean-Yves e Marc Tadié, em *Le sens de la mémoire* [O sentido da memória] (1999, p.11). É do que tratam os versos de "El se retrata en el olvido" [Ele se retrata no esquecimento] ao presentificar uma figura solidamente plantada no miserável piso do tempo (p.12), e, da mesma forma no verso "Ela [pálida e leve, que] não sabe que se retrata" (p.13). Do curto poema Inocência (p.14), na sequência, depreende-se a concepção de poesia em plena inocência e liberdade criativa, alguém que já não existe, mas que escreve à margem do retrato. Ao rememorar a família, a poeta retoma ao final o tema da câmera, focaliza os planos do cenário eternizados naquele instante. Outros retratos se seguem, desabitados e/ou perdidos, signos de identidade que se impõe à memória, muitas vezes tomada como nostalgia. "Uma velha casa, um pórtico, uma sombra […] uma rua deserta…" lembra mais uma vez Barthes (1984, p.63).

A foto – para Maya Islas, poeta e artista plástica das mais reconhecidas da diáspora cubana – é o instante do passado onde ficamos congelados em um eterno agora. Além das imagens captadas pela luz, que existem em tempo e espaço, permanecem igualmente as caras e os corpos do poema…; os poemas que descrevem as memórias através das fotos são elementos importantes para nos validarnos, nos estendermos à eternidade.

"Nascida entre os mimos de uma casa senhorial", habitada pelos sons do mar, o tema da habitabilidade é retomado ainda nos poemas finais do primeiro movimento memorial de Aimée G. Bolaños: "El patio particular", "Casa", "Hogar", "Morada", "

Casa de palabras" (p.23-27); nesses espaços concretos as representações imaginárias do lugar são colocadas em cena junto às noções de memória, de habitabilidade e hospitalidade, recorrentes em obras literárias e teóricas da contemporaneidade. Para Jacques Derrida um ato de hospitalidade só pode ser poético. É o que se vê ante as portas sempre abertas da nova casa onde "Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas/ no degrau da porta da casa" (p.16), versos simples e familiares de Alberto Caeiro – "o mestre ingênuo" dos heterônimos e do próprio Fernando Pessoa –, os quais epigrafam os de Aimée, rememoram e enfatizam a própria consciência do existir, da infância, da presença da morte, do amor pela vida e pelos seres, que têm vínculo estreito com a localização. Pois estar no mundo e a re/constituição da memória dessa presença supõem o acúmulo de experiências vividas em um ou mais de um espaço. Mas se por um lado habitamos lugares, por outro, eles nos habitam ao longo de nossas existências.

Entre esses poemas "do habitar" e o excerto de uma carta "incrivelmente poética" de Alina, ao final das *Memórias*, a autora de *Las palavras viajeras* oferece à reflexão os fulgurantes versos de *Orbia Tertius*, que traduzo: "o poema é a palabra/ perdida/ sem origem nem destino/ em constante travessia/ […] o poema é a palabra/ perdida/ que habita a casa real/ da figuração infinita/" (p. 28). Nas palavras errantes é que viajam os poemas [escritos e] não escritos... e chegam ao leitor da poeta, J. Guillermo Renart, professor

aposentado da Universidade de Ottawa, que aproxima com propriedade a leitura desses belíssimos versos às reflexões teóricas do canadense Northrop Frye: "[P]oesia, ... 'canção de palavras´, linguagem em melodia insubstituível e iluminadora".

No segundo movimento, os *Autoretratos*, são compostos por 6 poemas anunciados pela epígrafe de Cecília Meirelles, "Entre mim e mim, há vastidões bastantes". Os versos neste segmento levam ao momento mítico da ilha, às origens, à infância, e revelam a perplexidade frente ao universo. "Onde estou?" O ar nos esculpe e dá forma, diz Alejo Carpentier. A poeta Aimée não escapa a essa verdade, seus versos seguem essa linha de transformações, mais uma vez segundo a leitura de Maya Islas. O tema da identidade fraturada, tão caro ao pensamento pós-moderno, transparece; os estados de ânimo, ora desolados, ora angustiados ou apaixonados, se reproduzem em "confusas tramas", "infinitos ilegíveis", "fiel ao ilusório do tecido", "semelhante ao mesmo e ao diverso", "na intricada tela imaginária" dos sujeitos líricos textuais.

"O amor por uma pessoa determinada […] lindo acidente passageiro, menos real em certo sentido que as predisposições e opções que o precedem e a ele sobreviverão" (p. 41), fragmento da citação de Marguerite Yourcenar, introduz o terceiro movimento denominado *Autoconfissões*, poemas da revelação, que desvelam o amor recôndito que extravasa por meio da literatura. Metafóricamente o amor é o "albatros que no poema se libera" (p. 46). O objeto desse amor obscuro talvez o ignore: "o amor é a mais difícil das artes" (p. 59). Por meio da evocação de detalhes fantásticos – "sou louca por completo" (p. 67) – que a poeta insere para declarar-se, ousada em sua poesia sutil e delicada, ela solta as amarras que nos prendem ao dia a dia, alça voo, parecendo perceber que as pequenas e grandes tragédias, as dádivas que compõem o jogo da existencia fazem parte de um sentimento maior que nem sempre se pode dominar ou compreender. A liberdade, os pensamentos eróticos ou o afeto com que altera o senso comum de seus versos são os mesmos que podemos ter face à vida, tanto mais real quanto mais se deixa guiar pelo amor, que, como Dante escreveu na *Divina Comédia*, "move o sol e as outras estrelas" e rege, por si, todas as coisas.

Ao final outros escritos são introduzidos, prosa de alta voltagem poética, na feliz ideia de utilizar cinco cartas de amor para falar de sensações e filosofías. O ritmo esperado é rompido, expediente utilizado anteriormente na abertura (p.9), por meio da inserção de excertos de cartas, a primeira de Alina (p. 29-30), depois de María José (p. 65-66). Mas são as epístolas de fechamento da obra de autoria da poeta Aimée G. Bolaños, precedidas de excerto de Gertrudes Gómes de Avellaneda – a "Tula", poetisa cubana, autora de extensa obra, numerosas cartas dirigidas a Ignacio de Cepeda y Alcalde – que permitem notadamente medir o olhar apaixonado, sem contenção, sobre o amor, o sofrimento, o afastamento do corpo desejado, e são elas, sem dúvida, o estímulo necessário à todo poeta, preguiçoso por natureza, para desdobrar suas frases. Nas cinco cartas as palavras carregam vida, liberdade, sofrimento lúcido; dizem a ausência, nomeiam o amor, transformam em poesia as lembranças da carne e das lágrimas.

O livro celebra ainda nas epígrafes além de F. Pessoa e seus heterônimos, C. Meireles, M. Yourcenar, Kafka, Shakespeare, Rûmi, poeta e teólogo muçulmano persa, entre outros, transcendendo fronteiras étnicas e nacionais, traduzindo em termos de arte verbal a essência de cada qual; é também uma consideração acerca da mortalidade desses poetas e da sobrevivência de suas obras. Mas o que sobressai em *As palavras viajeras* é a profunda unidade, nem por isso carente de variedade, de tom e de temas, nascidos da experiência viajante da autora, que faz da viagem a condição do desabrochar de sua obra, e tenta viver na escritura a circunstância tão expressiva desta época, temas comuns, mas não menos

verdadeiros na ficção, segundo ela própria declara. Há uma tradição de viagem em Aimée G. Bolaños, que, gosto inerente à literatura, se desloca para romper com o habitual. De acordo com o anúncio do n. 39 da revista *Hispano Cubana* de Madrid (versão impressa e *online*), "este é um lindo livro ao amor e à amizade, em que o verso e a prosa, os poemas e as cartas se entrelaçam com harmonia e bom gosto, sua leitura proporcionando-nos um imenso prazer". Poesia como confissão, sim, mas mais ainda, poesia como memória, conhecimento do mundo, este é o patamar da belíssima obra de nossa poeta.

Desde o título original, palavras viajeiras/*verba volant* pelo mundo, o livro impõe sua marca central. O quadro da cobertura da pintora espanhola Remedios Varo, *Trânsito em espiral*, que, como a autora de *As palavras viajeras*, também teve experiência migrante, faz pensar nesse laboratório cosmopolita que serve para ouvir a pluralidade de vozes e reconhecer que os movimentos transculturais se desenvolvem não apenas da periferia para o centro, e vice-versa, mas formam redes de interações entre várias culturas e várias formas de mestiçagem, quer no seio de uma instituição literária particular, quer de modo continental ou até mundial caracterizados por relações multidirecionais. Exilada na França, mais tarde radicada no México, R. Varo foi figura central do surrealismo. A abertura ao mundo dos labirintos e espirais dá força à entrada aos poemas, que proporcionam poderosa metamorfose: a eles sempre se pode regressar e encontrar novo labirinto, novo mistério. As mulheres, com o rosto velado, viajam em diminutos barcos, movendo-se em espiral. Desenha-se o espaço do "entre" fazendo com que a poeta-narradora busque inspiração nesse não-lugar labiríntico, "em sua ilha-elo-labirinto" (p. 49), descubra o espaço "entre" os rios e nele habite, criando, assim, um espaço inédito no qual os sistemas lingüístico e simbólico pesam menos, lhe concedendo tempo para encontrar as palavras. Ao final, em preto e branco, o quadro é retomado, fechando a quadratura.

Importante crítica da literatura e da arte (em breve lançando o livro *Voces negras de la literatura de las Américas*), Aimée G. Bolaños, "exilada voluntária", instalada em Rio Grande a maior parte do ano, nasceu em Cienfuegos (Cuba), doutorou-se pela Rostock Universität, na Alemanha (1982), veio para o Brasil em1997 onde é professora de espanhol e suas literaturas na Universidade Federal do Rio Grande e professora adjunta na Universidade de Ottawa. Uma década depois pós-doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2007, ano em que obtém a nacionalidade brasileira. Movimentada vida a sua, entre um porto de origem e outro de eleição.

Mas quem sabe teria ela preferido perder-se em algum lugar nos caminhos errantes do sonho? Para conhecê-la é preciso adentrarmo-nos em seus escritos, que expressam sua vida íntima: "Para ti escrevo este livro que talvez lerás como um exercício de narcisismo, para mim uma paixão sincera. No *Orbis Tertius*, mundo ilusório das palavras viajeiras, sou um jogo de espelhos. Mas no centro de qualquer reflexo encontrarás, se a buscares, uma mulher amorosa, à beira do cansaço, que olha avidamente o mundo e se pergunta. Que ama a medida e corre livre. Que se nutre de si, de imagens. Que com fervor te oferece suas palavras" (p. 71). Alguns são confessionais. Em todos, porém, mesmo em cartas, prosas poéticas como esta, está presente o sujeito lírico, provavelmente a Aimée mais autêntica, aquela que preferirá que se leia seus versos em vez de ouvir suas aventuras do passado.